

AS FÁBULAS URBANAS DE FRANCIS ALÿS

Resumo

Caminhar por sete dias consecutivos sob o efeito de uma nova droga a cada dia; deambular até encontrar um possível sócia e segui-lo até seus passos se ajustarem aos dele; vaguear pelo território usando sapatos imantados que coletam restos metálicos aleatoriamente; explorar vendado um trajeto antes percorrido diversas vezes de olhos abertos; empurrar um enorme bloco de gelo ao longo do dia até que se derreta completamente; permanecer em praça pública à espera de um acidente que ainda não aconteceu; percorrer a cidade enquanto sua roupa se desfaz a partir de um fio preso em algum lugar do caminho...

Todas essas são ações realizadas pelo artista belga – naturalizado mexicano – Francis Alÿs, como formas de explorar as cidades por onde passa ou mesmo aquela onde escolheu viver; soam, contudo, como lendas ou fábulas esopianas. O texto que aqui se apresenta aborda os espaços urbanos performativados por Alÿs: lugares tornados espaços vividos a partir de suas ações. Utilizamos a ideia de “práticas de espaço” em Michel de Certeau para pensarmos nos enunciados performativos de Alÿs. Certeau tanto como Alÿs pratica o espaço como uma tentativa de passar ao outro – de passar a um lugar, sempre fora e sempre outro. Nesses percursos uma história outra se constrói. “Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar.” (Certeau, 1998, p. 183). Essa falta de lugar, esse sempre estrangeiro, parece ser a pauta de Alÿs.

Através de seus passeios, o artista formula narrativas tanto no sentido literal quanto metafórico. Enquanto constroem questões do social – a problemática do trabalho na ação com o gelo, por exemplo – as performances de Alÿs são produção de desvios no espaço-tempo das cidades, ao qual criam um tipo multidirecional de pequenas transversalidades. Suas fábulas tecem histórias pelas ruas por onde passa, territorializando-as com seus pés. Sua pegada, contudo, não é linear: atravessa o tempo como um mito urbano que se cria e se alastra, operando taticamente tanto no presente quanto no pensamento projetivo de futuro e na memória que cria passados. Realiza o que outrora os romanos faziam em rituais de fundação, em seus *fetiales*, com marchas que ocorriam primeiro dentro do próprio território, depois na fronteira e, finalmente, no

território estrangeiro. A esse respeito, Certeau escreve: “a ação ritual se efetua antes de toda ação civil ou militar porque se destina a criar o campo necessário para as atividades políticas ou bélicas.” (1998, p. 210).

Seria esse o primeiro papel do relato para Certeau: abrir um teatro que legitimaria as ações efetivas posteriores. Muito similar à defesa de Rancière quanto ao papel da ficção em nossa era estética, gerando efeitos no real. Segundo Rancière “o real precisa ser ficcionado para ser pensado” (2009, p. 58). Alÿs torna-se ele mesmo um personagem, inventando para si uma identidade, apropriando-se de cada cidade a seu modo, borrando continuamente os limites entre local e estrangeiro, dentro e fora, real, fictício e imaginário: desestabiliza fronteiras. Em vez de esculturas materiais ou projetos caracterizados pela fixidez, produz situações escultóricas e molda espaços-tempos comuns.

Cada trabalho seu é, simultaneamente, pensamento e ato, fala e gesto, ação e reação. Partindo de enunciados curtos e simples, como aqueles acima elencados, o artista dá vida às suas ideias, performadas individualmente ou com voluntários. São o início de uma fábula – conforme Alÿs as nomeia –, permitindo distintos registros, modos de circulação e de interpretação. O artista intervém minimamente em situações cotidianas onde insere novas narrativas; produz pouco em termos físicos ou materiais, no entanto, provoca simbólica e politicamente ao possibilitar percepções inaugurais sobre determinados contextos urbanos, bem como múltiplas formas de partilha.

Alÿs atualiza a crítica à cidade racionalista, operando menos por uma leitura macro estratégica e mais na escala micro, pelas táticas de deslocamentos. Para Certeau a estratégia é aquilo que permite operar por fora como constituição de um poder que é sempre externo. É a conquista de um próprio. Nesse sentido, “o ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo” (Certeau, 1998, p. 99). Por contraponto, tática é “a ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (Certeau, 1998, p. 100). Enquanto a estratégia é uma ação de fora, a tática é uma ação sempre de dentro.

As práticas de Alÿs se constroem como táticas que desenham e narram uma história possível. São como memórias ainda por serem vividas em um eterno entrelaçamento temporal. É um percurso poético a produzir uma partilha do sensível como entende Rancière: como um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao

mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (2009, p. 13). A proposta deste texto é discutir as reverberações – os efeitos no real – que os enunciados performativos de Alÿs geram na partilha dos espaços-tempos urbanos praticados pelo artista.

Palavras-chave: fábulas urbanas, Alÿs, espaços-tempos comuns, enunciados performativos, narrativas

Referências

- ALÿS, F. **Numa dada situação/In a given situation**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- FERGUSON, R.; FISHER, J.; MEDINA, C. **Francis Alÿs**. Londres: Phaidon, 2007.
- KONRATH, G. **Às vezes fazer algo poético pode se tornar político e às vezes fazer algo político pode se tornar poético: a ocupação do tempo e do espaço na poética urbana de Francis Alÿs**. Orientador: Paulo Reyes. Dissertação (Mestrado) – UFRGS/PROPUR. Porto Alegre, 2017.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.